

***O Desejo de Kianda, de Pepetela: O Entre Fronteiras na
 Literatura Pós-colonial***

***O Desejo de Kianda, by Pepetela: the interfrontier in post-colonial
 literature***

Adriana Ribeiro de Araujo*

*Universidade de Pernambuco, UPE, Recife - PE, 50100-010,
 e-mail: adriana.rib@outlook.com.br

Silvaneide Gercina de Almeida**

** Universidade de Pernambuco, UPE, Recife - PE, 50100-010,
 e-mail: silg_almeida@hotmail.com

Resumo: O romance *O Desejo de Kianda* (2008), de Pepetela, é uma narrativa que denuncia as particularidades de Luanda, capital de Angola, no período pós-colonial. Em um contexto em que a sociedade está marcada pela corrupção, pelo enriquecimento ilícito de uma elite incipiente e pela guerra civil que aconteceu no período da pós-independência de Angola. O objetivo deste trabalho é verificar como isso se apresenta. Para isso, o presente artigo tece um estudo sobre a relação fronteiriça estabelecida entre história e ficção, tradição e modernidade, característica da literatura angolana pós-colonial, ancorada na perspectiva teórica de Homi K. Bhabha (1998). A análise foi fundamentada nos estudos de Boaventura de Sousa Santos (2013), Chinweizu (2010), Inocência Mata (2013), Jean Suret-Canale e A. Adu Boaben (2010), Rita Chaves (1999), Simone Pereira Schmidt (2009), Stuart Hall (2006), entre outros. Os resultados da análise apresentam que o romance faz uma crítica social pertinente em relação à sociedade angolana pós-colonial, cuja relação fronteiriça transposta entre história e ficção, tradição e modernidade nos fornece subsídios para entender a configuração social e histórica em que os diferentes sujeitos faziam parte na conjuntura abordada.

Palavras-chave: Literatura angolana. Literatura pós-colonial.

Abstract: The novel *O Desejo de Kianda* (2008), by Pepetela, is a narrative that denounces the particularities of Luanda, capital of Angola, in the post-colonial period. In a context that society is marked by corruption, the illicit enrichment of an incipient elite and the civil war that took place in the post-independence period of Angola. The objective of this work is to verify how this presents itself. To this end, the present article presents a study on the established frontier relationship between history and fiction, tradition and modernity, characteristic of post-colonial Angolan literature, anchored in the theoretical perspective of Homi K. Bhabha (1998). The analysis was based on the studies of Boaventura de Sousa Santos (2013), Chinweizu (2010), Inocência Mata (2013), Jean Suret-Canale and A. Adu Boaben (2010), Rita Chaves (1999), Simone Pereira Schmidt (2009), Stuart Hall (2006), among others. The results of the analysis show that the novel makes a pertinent social critique of post-colonial Angolan society, whose cross-border relationship between history and fiction, tradition and modernity provide us with subsidies to understand the social

and historical configuration in which the different subjects were part of the situation addressed.

Keywords: Angolan literature. Post-colonial literature.

A arte literária produzida em Angola tem uma relação intrínseca com a história do país. Isso porque a literatura angolana expressa características particulares da formação do povo que lá vive. Portanto, ela tem um papel muito importante, conforme ressalta Rita Chaves,

[...] desde muito cedo, assumiu no processo de construção de um sentimento nacional, a produção literária angolana revela-se um excelente material para que se conheçam elementos fundamentais na formação do país – como realidade concreta e como imagem (CHAVES, 1999, p. 18).

Isso é perceptível na obra *O Desejo de Kianda* (2008), do autor angolano Pepetela, o qual interliga aspectos característicos da literatura angolana e demonstra aspectos culturais, sociais e históricos de Luanda, capital de Angola, importantes para se entender a referida cidade no contexto pós-colonial. Nesse contexto, é importante salientar que a noção de pós-colonial aqui estabelecida remete a um “conceito que se alarga para significar uma ampla gama de experiências políticas, culturais e subjetivas, que se deslocam no tempo (pré e pós-colonial) e se situam em diferentes lugares” (SCHMIDT, 2009, p. 136). É por intermédio da relação fronteira entre história e ficção, tradição e modernidade, que o romance nos fornece uma noção apurada acerca da construção identitária em Luanda.

A literatura em Angola detém, desde seu início, papel fundamental em prol da afirmação das mazelas da colonização que o país enfrentou. Segundo Rita Chaves, uma das grandes pesquisadoras da arte literária do país,

Num mundo que a contaminação colonial povoou de colisões e desacertos, a literatura será uma das vias escolhidas para a formação de um mosaico capaz, ao menos, de sugerir alguma noção de unidade. Como um processo de auto-indagação, o seu exercício terá um caminho para a construção da identidade de uma nação que mal começava a ser imaginada (CHAVES, 1999, p. 21).

O romance aqui analisado reflete essas características. Ele se desenvolve em torno dos acontecimentos que ocorreram a partir do casamento de dois personagens principais: Carmina, também conhecida como Carmina Cara de Cu, ou CCC, e seu marido, João Evangelista. Os desdobramentos da narrativa demonstram aspectos da História de

Luanda, da pré-colonização, ao abordar pontos que remetem a tradição, e, paralelamente a isso, aspectos da modernização e do embate travado entre as diferentes culturas que constituíam Luanda.

Segundo Inocência Mata (2013, p. 16), “Pepetela é um romancista que assume a sua “consciência sociológica”, ao afirmar que escolheu Sociologia para ser escritor e que estuda a sociedade angolana para escrever”. Isso é importante, pois está inteiramente interligado às particularidades que constituem o percurso histórico de Angola abordados na sua obra *O Desejo de Kianda* (2008), sobretudo as que se referem a Angola no contexto sociopolítico da pós-independência. Nele, as contraposições vivenciadas são, de fato, evidenciadas por meio da relação estabelecida entre ficção e história, tradição e modernidade.

Pode-se dizer que a literatura produzida em Angola mantém uma relação fronteira com a História. Em Angola, a produção literária é resistência, ela constitui uma forma de reivindicação da cultura nacional. A tentativa de resgatar a cultura nacional através da literatura e do romance enquanto gênero literário específico é, portanto, arma de combate e engajamento a favor das lutas pela promoção de melhorias na realidade. Em relação especificamente à produção de romances e a sua consolidação enquanto categoria literária em Angola, Rita Chaves salienta que “sua vocação histórica faria dele um gênero de fato adequado à necessidade de auto-investigação, sempre presente no horizonte da literatura” e que revela “às especificidades de cada contexto” (CHAVES, 1999, p. 23).

Diante disso, é importante salientar ainda que a literatura angolana se desencadeou com o pressuposto de denunciar as especificidades históricas, coloniais, culturais que se faziam presente na sociedade angolana. Isso porque, conforme expressa Rita Chaves (1999, p. 31-32), a literatura se angolana se fundamenta no interesse de “bloquear o ato colonial para construir a nação. Noutras palavras tratava-se de vencer o colonizador para, afinal, legitimar o que era uma invenção sua: Angola” (CHAVES, 1999, p. 32). Confirmando, portanto, o importante papel da literatura angolana para a constituição do povo na luta contra o processo colonizador, a fim de (re) inventar Angola.

É com base nessas considerações que trataremos adiante de alguns aspectos encontrados no romance *O Desejo de Kianda* (2008) de Pepetela, como a relação entre história e ficção e aspectos concernentes à literatura pós-colonial, tais como abordagem em torno da tradição cultural, do colonialismo, do capitalismo e da modernização. Essa análise é fundamental para exemplificar a incorporação do processo literário que ancora

e subsidia a construção de identidade, juntamente com a presença de vozes plurais que caracterizam a literatura pós-colonial.

HISTÓRIA E FICÇÃO EM *O DESEJO DE KIANDA*, DE PEPETELA

História e ficção são dois pontos fundamentais que caracterizam a literatura angolana. Nas obras de Pepetela, geralmente, a relação entre história e ficção se faz muito presente. Em um primeiro momento, para melhor compreender a denúncia contida na obra *O Desejo de Kianda* (2008) se faz necessário tratar o momento histórico ao qual ela se volta. De acordo com Zuleide Duarte e Izabel Cristina Martins (2018, p. 38), Pepetela é “um dos escritores que mais revisitam a História e denunciam os sinais do desmoronamento político-ideológico da nação”. Pepetela aborda nesse romance o contexto da Angola pós-liberta, que é caracterizada pelos miasmas da colonização, pela predominância da corrupção e da ganância em prol dos interesses particulares de uma classe que detém poder. Para entender essa abordagem, é importante salientar que Luanda, a capital de Angola em que se passa o romance, é

[...] uma nação corrompida e fragmentada. Oriunda de um passado colonialista, alcançando recentemente a independência de Portugal, mas ainda mergulhada numa guerra civil que permaneceria por décadas e destruiria a infraestrutura do país. Este conflito foi originado pela polarização política dos dois eixos ideológicos e diametralmente opostos da guerra fria. A Rússia e os Estados Unidos que patrocinaram, como de costume, a luta armada civil durante este período que sucedeu a libertação do país dos portugueses (RETO, 2014, p. 149)

Portanto, tendo em vista essa consideração, pode-se afirmar que o autor aborda criticamente o desenrolar político e social de Luanda.

Angola, país colonizado pelos portugueses teve um colonialismo muito intenso e duradouro. Por este motivo, o processo de independência das colônias portuguesas não se deu de modo pacífico, mas sim por intermédio de luta e reivindicação. Os colonizadores portugueses se destacam, nesse sentido, porque

[...] embora a conquista da independência nas outras colônias da África do oeste tenha, em seu conjunto sido pacífica mediante a realização de mesas-redondas e debates entre partidos, no que tange à África portuguesa, por sua vez, ela foi longa, violenta e sangrenta, transformando-se em uma verdadeira guerra de libertação. A explicação das características que assim tomou a luta anticolonial na

África portuguesa deve buscar as suas raízes nos princípios e nas práticas do colonialismo português, assim como na natureza dos movimentos nacionalistas (SURET-CANALE; BOABEN, 2010, p. 218-219).

Isso é importante, sobretudo para a compreensão acerca do fato de Angola ter sido colonizada no final do século XV pelos portugueses e só ter conseguido conquistar a sua independência tardiamente, em 1975. Além disso, uma outra característica fundamental ressaltada no romance diz respeito ao fato de “Angola, quando da sua independência, em 1975, optaram por um modelo socialista de desenvolvimento, mantendo com o mundo ocidental os laços por eles julgados indispensáveis” (CHINWEIZU, 2010, p. 938). O processo que desencadeou a independência do país, portanto, ocorreu por intermédio de um movimento que ansiava pela libertação. Este movimento ficou conhecido por Luta Armada de Libertação Nacional.

O romance *O Desejo de Kianda* (2008) caracteriza um amplo conjunto de regimes culturais que fogem dos que se faziam presentes em Angola antes da colonização. A protagonista “Carmina abandona os ideais utópicos de uma Angola “una” e rechaça a ideia de aceitar-se como parte de um conglomerado cultural” (TEIXEIRA, 2018, p. 173). Isso caracteriza a convivência entre o diferente a qual o romance remete. Conforme expressa Luciene de Castro Reto,

A disputa entre etnias angolanas, representadas principalmente pelos três partidos majoritários o MPLA, um partido com ligação a Cuba e a União Soviética, a FNLA ligada ao Zaire, hoje República Democrática do Congo, aos EUA e a UNITA, também apoiada pelos Estados Unidos. Além do Regime Apartheid da África do Sul e diversos países africanos, desenham um quadro sangrento nesse país recém-formado, resultando em mais de 500 mil vidas ceifadas por uma guerra civil que permaneceria latente até o ano de 2002, e que resultaria finalmente, em uma nação de traços caóticos corrompida e fragmentada (RETO, 2014, p. 150).

Portanto, foi considerando esse contexto tumultuado, corrupto, e corrompido pelo poder do capitalismo que Pepetela (2008), desenvolveu este romance. João Evangelista, figura passiva no seio da imoralidade de Carmina, apesar de demonstrar uma certa sensibilidade diante de alguns dos posicionamentos da esposa, em face de grande maioria deles nem pondera. Ele representa a grande parcela da população angolana que fazia de conta que não via a corrupção que pairava pelo país.

Carmina, por sua vez, demonstra postura ativa nos sistemas de corrupção, foi por meio disso que ela conseguiu privilégios para ela e seu marido, João Evangelista. Desse modo, os conhecimentos de Carmina no Governo promoveram constantemente a possibilidade de conseguir novas facilidades que beneficiavam seus próprios interesses.

A guerra em Luanda é um acontecimento que não cessou rapidamente, por diversas vezes ela era retomada. Como aconteceu ainda depois da independência do país, após o resultado das eleições. Por isso, Carmina só veio a comemorar o resultado da eleição posteriormente, quando os “rebeldes” foram derrotados. Nesse contexto, enquanto a cidade estava devastada pela guerra, se encontravam aqueles privilegiados que, por meios ilegais, detinham dinheiro e poder, e comemoravam o resultado das eleições sem se preocuparem com os demais. Nesse cenário de euforia por causa da guerra, João Evangelista, por exemplo, estava inteiramente imerso no seu universo de jogos. Conforme destaca Pepetela (2008, p. 78), “a guerra estava quente, mas as pessoas não diretamente envolvidas nela até as esqueciam, atraídas pela novidade”. Este cenário nos remete ao que aponta Schmidt (2009) quando se refere às narrativas que abordam o contexto de guerras no pós-independência

[...] a guerra e o sofrimento constantes colocam em xeque as ideologias que sustentam a ideia do país independente, expõem as feridas deste projeto, ao mesmo tempo em que se começam a problematizar os referenciais eurocêntricos a partir dos quais a própria noção de país foi forjada, no passado, pelo colonialismo europeu (SCHMIDT, 2009, p. 143).

No período de eleição, no qual Carmina concorreu para o cargo de deputada, ela demonstra profundo descaso para a pluralidade étnica existente no país. Angola estava submersa em um contexto caracterizado pela subdivisão entre o povo de Luanda, em que pairava a pluralidade étnica. Sobre isso, Chaves (1999), argumenta o seguinte:

[...] assim como ocorre com outros estados africanos recentemente saídos de sistemas coloniais, o estado angolano está fundado em cima de um conjunto de grupos étnicos historicamente diferenciados, integrados em universos culturais distintamente marcados, cujas relações nem sempre se pautaram pela desejada harmonia (CHAVES, 1999, p. 30).

Angola constitui uma nação múltipla e plural. Esses conflitos étnicos revelam a intolerância presente na sociedade angolana e, mais especificamente, de Luanda, durante o período de guerra. Isso é demonstrado claramente no romance no posicionamento da

personagem Carmina para com os grupos étnicos que constituíam oposição ao seu governo e que passaram a ser vítimas de perseguições. No momento em que perseguições estavam acontecendo e Carmina demonstra profundo descaso para os Umbundu. Segundo ela, as pessoas pertencentes a esse grupo étnico “deixaram de ser povo” (PEPETELA, 2008, p. 52). E, por isso, João Evangelista se opunha as perseguições políticas que estavam a acontecer pelo país e se posicionava afirmando “[...] eu sou a Unidade Nacional, então tenho ainda mais autoridade. E acho que não se deve perseguir ninguém, por nenhuma razão que seja e muito menos por serem duma ou de outra etnia” (PEPETELA, 2008, p. 52). Boaventura de Sousa Santos, sociólogo português, ao abordar a relação entre a base étnica e o conceito de nação, salienta que

Quanto ao vínculo étnico, a sua descaracterização teve lugar através do anátema lançado sobre todas as formas de “primordialismo” que não correspondessem à base étnica do racismo dominante e da sua absorção no conceito de nação, um conceito inventado ora para legitimar a dominação de uma etnia sobre as demais, ora para criar um denominador sociocultural comum suficientemente homogêneo para poder funcionar como base social adequada à obrigação política geral e universal exigida pelo Estado, autodesignado assim como Estado-Nação. Este processo de homegeneização foi tanto mais necessário quando mais complexa era a base étnica do Estado (SANTOS, 2013, p. 172).

Com isso, é importante atentar para o fato de a personagem Carmina apresentar um posicionamento que preza pela unidade nacional e, conseqüentemente, anula a multiplicidade étnica existente no país. Por isso, ela expressa um racismo latente. Ainda seguindo nessa perspectiva, é relevante salientar que foi por meio disso que as transformações históricas fizeram desaparecer aspectos que caracterizam a relação entre os diferentes povos e culturas que mesclavam a sociedade angolana.

A narrativa também contempla acontecimentos marcantes da História de Angola como as eleições dos anos 1990 em Luanda, que integraram um sistema multipartidário, juntamente com a guerra civil e a corrupção que se deu no pós-independência. As mudanças políticas que estavam sendo comentadas em Luanda fizeram com que, concomitantemente a queda dos prédios, as preocupações desmoronassem sob a cabeça de Carmina. Esse momento expresso no romance remete à abertura democrática, processo histórico extremamente relevante para Luanda. Seguindo nessa perspectiva, a narrativa aborda que “foi decidido permitir a existência de outros partidos, abrir a economia a capitais privados, fez-se a paz com a oposição armada, só cedências, resmungava

Carmina, mas apenas em casa, porque em reuniões passou a ficar estranhamente calada” (PEPETELA, 2008, p. 16).

A personagem Carmina demonstra o seu interesse em conseguir lucro fácil e rápido, ainda que para isso tivesse que usar meios ilícitos. Quando ela planejou empreender no ramo político e empresarial demonstrou seu interesse em se beneficiar por meio de artifícios que estavam ligados aos conhecimentos que adquiriu durante anos de trabalho. Concorrendo as eleições na condição de candidata a deputada e tendo sido, evidentemente, consagrada ao cargo, ela queria utilizar dos seus conhecimentos a favor de si mesma, de modo que ao montar sua empresa pudesse reduzir ou até mesmo anular os custos. Em conversa com seu marido, ele questiona acerca do preço em que irá comprar a sua empresa, posteriormente e ele afirma “–A preço de chuva, imagino (PEPETELA, 2008, p. 23). Ela seguidamente, confirma “–Tem de ser. De outro modo como se pode criar um empresariado nacional? Ninguém tem dinheiro para comprar empresas ou casas aos preços justos” (PEPETELA, 2008, p. 23).

A ideia de Carmina em intercalar os dois ramos de trabalho demonstra o interesse dela em conseguir benefícios por intermédio da corrupção. Para ela, o capital necessário para empreender era a “possibilidade de vir a ser membro da CC e deputada, o que valoriza imenso as coisas. Todos gostam de ficar bem com alguém que tem poder, nunca se sabe qual o futuro...” (PEPETELA, 2008, p. 24). Segundo Carmina o ramo de empreendimento “Não é fácil para todos, claro. Para mim é, pois tenho conhecimentos e influência (PEPETELA, 2008, p. 25).

Seguindo nessa perspectiva, é importante salientar também o nome de interesse de Carmina para com a empresa que visava construir. Segundo ela escolhera, o nome era Ultramar Import-Export, que, apesar de ser contra o que João Evangelista gostaria, prevaleceu sendo a escolha da esposa. João considerava este um nome que apresentava

[...] relentos colonialistas, nós éramos os ultramarinos, os portugueses eram os metropolitanos, embora ultramar queira simplesmente dizer do outro lado do mar. Mas se alguém dissesse que Portugal estava no ultramar, era capaz de ir preso porque tinha insultado a pátria de Afonso Henriques, que essa tinha de ser tratada por Metrópole, nome mais digno (PEPETELA, 2008, p. 30).

João Evangelista, com isso, preocupou-se com as implicações que tal posicionamento traria para o resultado das eleições, “estás a provocar o nacionalismo, não te queixes depois que precisares de votos” (PEPETELA, 2008, p. 31). Isso confirma

a tese proposta por Francisco Vieira, que expressa que “a construção do nacionalismo angolano foi um instrumento político utilizado pelas elites para garantir a hegemonia dos seus respectivos movimentos políticos” (VIEIRA, 2018, p. 116). Já que os trechos citados apresentam o domínio de uma perspectiva que visa a prevalência de resquícios coloniais por parte da elite do país.

A precariedade exposta diante da guerra que contrapunha a ideia entre riqueza e pobreza. A situação precária a qual Angola foi sujeitada influencia diretamente para a ocorrência do fenômeno de queda dos prédios no Kinaxixi. Esse evento, metaforicamente, está relacionado à “Síndrome de Luanda”, acontecimento histórico que ocorreu na capital de Angola. Isso porque o mesmo caracteriza o fato de crescimento por meios ilícitos da carreira de Carmina, que em contraposição é acompanhado pelo desmoronamento de novos prédios. Nesse sentido, pode-se dizer que isso representa a queda dos valores éticos e morais da sociedade luandense à medida que se elevam valores opostos.

Carmina envolve-se no negócio de armas. É lucrativo, mas fruto de dinheiro sujo. A contraposição entre riqueza e pobreza é latente no romance. Em meio à precariedade que muitos vivem durante a guerra, ela só pensa em si e na riqueza que esbanja. Diante disso, iniciou-se uma grande onda de protestos contra o governo. Por este motivo, “os desalojados do Kinaxixi protestam contra o governo que não faz nada por eles, lançando o nu como traje nacional, o único que está de acordo com o nível de vida do povo” (PEPETELA, 2008, p. 109). Representando a pobreza a qual o povo estava submerso e em meio a uma situação em que o governo já nada fazia para tentar reverter a precariedade em que estes viviam.

Nesse segundo momento, se faz necessário tratar da relação presente e passado transposta neste romance, que pode ser percebida ao ser abordado o fenômeno da queda dos prédios no largo do Kinaxixi. A abordagem em torno da relação história e ficção é uma característica marcante dos romances angolanos. Segundo Inocência Mata (2013, p. 16),

É, porém, na ficção angolana, pelas possibilidades lógicas de existência do modo narrativo, que mais se evidencia a apetência para a revisitalização da utopia que alimentou a ideologia nacionalista e apetência para antecipar na sociedade a assunção do “pensamento da diferença” e da negociação das diversas identidades, tanto grupais como segmentais ou individuais.

Ainda de acordo com a autora supracitada, “esta construção intelectual, cujo dispositivo textual privilegia a ficção de representação factual, ou a ficção a partir da

História, constitui uma das tendências da actual literatura angolana, de que Pepetela é um cultor regular” (MATA, 2013, p. 52). Na obra do autor Pepetela isso se faz muito presente. Em *O Desejo de Kianda* (2008), Pepetela trata do contexto da pós-independência em Angola, mesclando este com o período anterior à colonização. Na ficção, os edifícios localizados no Largo do Kinaxixi, no centro de Luanda, iniciam um processo contínuo de desabamentos, sem qualquer explicação racional aceitável. Estudiosos nacionais e estrangeiros tentam teorizar sobre os acontecimentos, mas não encontram nenhuma resposta científica, uma vez que a queda não causa ferimentos, nem danos materiais, apenas provoca a destruição dos edifícios, representando o efeito de um país destruído, por consequência do colonialismo, dos esquemas de corrupção, da guerra civil, e o enriquecimento ilícito de uma elite incipiente.

É por meio da ponte que interliga o presente ao passado que o autor faz uso da narrativa da tradição, pertencente à cosmogonia Kimbundu, segundo a qual Kianda é a dona da Lagoa do Kinaxixi. Essa crença surgiu desde o período que antecedeu a colonização de Angola. Posteriormente, com a interferência do colonizador, o desencadeamento da modernização e do capitalismo propiciou o apagamento de Kianda no imaginário da sociedade angolana.

Como já visto, o romance destaca com veemência o aspecto dessa tradição em paralelo com acontecimentos históricos marcantes que são caracterizados no romance, como a guerra civil, as eleições e a corrupção. Desse modo, o romance aqui analisado procura demonstrar que “em determinadas sociedades, como a angolana, a dimensão do literário vai além da ficcionalidade” (MATA, 2013, p. 51).

A colonização portuguesa provocou mudanças no que se refere ao cenário, a paisagem de Luanda, que envolvem o soterramento da lagoa do Kinaxixi. Isso fez com que Kianda, o espírito que segundo a narrativa da tradição angolana residia no citado lago reagisse a esse acontecimento provocando as quedas dos prédios devido ao desejo que ela tem de devolver a geografia pré-colonial a Luanda. Seguindo nesta perspectiva, é importante salientar que

[...] a nação angolana, que os discursos literário e político representa(va)m, tinha uma existência fictícia e não “real”, não porque não fosse verdadeira, mas simplesmente porque a sua natureza era ficcional, embora os sujeitos emissores, os destinadores do processo, não a assumissem como tal (MATA, 2013, p. 78).

Assim sendo, o aspecto ficcional remete a narrativa da tradição que envolve Kianda, deusa das águas, segundo a cosmologia Kimbundu. Essa cosmologia, segundo a qual Kianda era responsável por manter a harmonia entre os povos que habitavam a localidade. Inicialmente, com a queda do primeiro prédio, houve um certo tipo de estranhamento em relação ao acontecido.

Kianda diante da desordem existente em Luanda se manifesta e expressa sinais que ressoam, inicialmente, da seguinte forma:

Um cântico suave, doloroso ia nascendo no meio das águas verdes e putrefactas que durante anos se foram formando ao lado dum edifício em construção no Kinaxixi. Um prédio de mais de dez andares, cujas obras paravam com a Independência. Primeiro era uma poça, parecia de cano de esgoto, no meio dos ferros das fundações ao lado do prédio. Aí nasceram girinos, depois rãs. A poça foi crescendo, verde pelas plantas que irrompiam das águas. Apareceram peixes. E as crianças iam nadar. (...). O cântico era demasiado suave, ninguém ouvia (PEPETELA, 2008, p. 13).

Desse modo, nota-se a contraposição entre a construção que ia sendo feita e o começo da manifestação do desejo de Kianda, que vai surgindo nas águas. Inicialmente em uma pequena poça que vai aumentando, cada vez mais. O acontecimento da queda dos prédios no largo do Kinaxixi tem uma expressão inusitada pelo fato de como ocorreu, pois

Não houve explosão, não houve fragores de tijolos contra ferros, apenas uma ligeira musiquinha de tilintares, como quando o vento bate em cortinas feitas de finas placas de vidro. As paredes foram-se desfazendo, as mobílias caindo nomeio dos estuques e louças sanitárias, pessoas e cães, papagaios e gatos, mais as ninhadas de ratos e baratas, tudo numa descida não apressada, até chegarem ao chão. Luzes estranhas, contam os relatos, de todas as cores do arco-íris, acompanhavam a sua queda. Assunto muito comentado, embora não tivesse sido publicado pela imprensa, foi uma cama enorme que desceu pelos ares, com um casal nu, apanhado em pleno acto de amor. Nada assinalável, se não se tratasse de dois homens, figuras públicas de destaque, um da política e outro das artes. Dois velinhos também aterraram, mais espantados que assustados. Como se pode desprender, apenas o prédio ficou destruído, totalmente em escombros. Nem pessoas, nem outros locatários animais, nem móveis, nem electrodomésticos sofreram qualquer arranhão. Coisa nunca vista, gente a cair do sétimo andar, chegar a terra e contar logo as sensações de paraquedismo. Chegou mesmo ao ponto de dois conhecidos juristas que se tinham pegado numa formidável discussão no apartamento dum deles continuarem a debater no chão, sem nada terem notado, até que um jornalista os interrompeu para informar do que se passava a eles, então sim, desmaiarem com o susto, quando olharam para cima. Lamento acrescentar lenha ao preconceito que se repete até à exaustão que os

juristas só se interessam pelo seu próprio discurso (PEPETELA, 2008, p. 8).

No romance, a manifestação de queda de prédios está ligada a ideia de ficção, representada pela narrativa tradicional de Kianda, segundo a cosmologia Kibundu, a qual essa “figura” faz parte. O interessante é que no romance isso não desperta curiosidade nem estranhamento entre os personagens. Essa questão é exposta de modo natural remetendo a ficção que se faz presente no romance. O modo como a o fenômeno de queda do prédio acontece é irreal, isso porque, não há mortos ou sequer feridos, os móveis e eletrodomésticos, caem todos totalmente ilesos. No romance, há tentativas de explicar este fenômeno. Profissionais são convocados para realizar a missão de identificar o motivo desses acontecimentos. Segundo Luciene de Castro Reto (2014, p. 150), “existe mais de uma tentativa de justificar e responder, o insólito tem como objetivo maior incentivar a reflexão em torno daquilo que é socialmente relevante”. É importante salientar, portanto, que isso remete o fato dos moradores terem ficado sem moradia.

Além disso, os entulhos do primeiro prédio não eram muito notórios, a partir do desmoronamento do segundo prédio, muitas opiniões começaram a surgir, vindas de pessoas das mais diversas especialidades.

Ademais, com o despertar para a guerra civil, um outro efeito é relacionado a queda dos prédios. Trata-se do fato de que, com o conflito generalizado no país, a precariedade da situação só aumentava. Desse modo, “os escombros começados no Kinaxixi se espalhariam por todas as cidades, num vendaval de loucura. Só que nos outros sítios, os prédios não ruíam com notas de músicas e sem ferimentos, como no Kinaxixi. Nos outros sítios, desmoronavam vermelhos, sangrentos” (PEPETELA, 2008, p. 53). Isso evidencia a causa outra da queda dos prédios nas demais localidades afetadas pela guerra. Somente no largo do Kinaxixi, o motivo da queda era proporcionado pelo desejo de Kianda. Com base nisso, é importante salientar que o diálogo entre História e ficção, presente e passado no romance

[...] vislumbra a hipótese de um futuro diferente, em que Kianda, nadando livre para o mar, encena a utopia de um país mais harmônico, no qual a convivência entre a cultura ancestral e a modernidade faz-se possível como construção de uma identidade híbrida (FERREIRA, 2003, p.187).

Portanto, a relação estabelecida entre presente e passado, história e ficção tem um sentido íngreme no que se refere à construção de significados e de identidades.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE: FRONTEIRAS QUE SE CRUZAM

O romance *O Desejo de Kianda* (2008), de Pepetela, demonstra o embate travado entre a cultura ancestral e a modernidade, revelando um país costurado por culturas distintas, pelo processo colonizador. O romance versa sobre a história de Kianda, tida como lenda por alguns, mas que exerce fortes influências no imaginário Kimbundu, sobretudo no período pré-colonial. Ela é o símbolo da tradição, considerada o espírito das águas e a dona da lagoa do Kinaxixi, que, com um canto suave e doloroso, vai emergindo no meio das águas que se formaram ao lado dos edifícios que foram construídos no Largo do Kinaxixi, símbolo da modernidade. Seguindo nessa perspectiva, Tailze Melo Ferreira destaca que

Kianda é um espírito das águas que habitava a antiga lagoa do Kinaxixi, porém com a colonização portuguesa, a lagoa é soterrada e em seu lugar é construído um complexo de prédios. Revoltada, ela se sente abafada e revolvendo-se debaixo do lago soterrado pela geografia colonial, alaga Kinaxixi e devolve ao largo e a ilha a sua antiga geografia colonial (FERREIRA, 2003, p. 181).

O texto denuncia o vazio identitário e a busca pela preservação das raízes angolanas, soterradas pelo processo de colonização que tenta sufocar as culturas autóctones.

O Desejo de Kianda (2008) mostra um país às avessas, evocando uma alegoria que mostra uma sociedade contaminada por costumes que não lhe pertenciam, influenciando seus hábitos e sufocando as tradições. Segundo os mais velhos, Kianda não era sereia e, por influências europeias, ela passou a ser reproduzida metade mulher, metade peixe, levando os próprios nativos a se confundirem, diante da imposição dos valores e influências da cultura colonizadora. A predominância dos valores dominantes levou ao olvidar as tradições, a negociação de sua identidade e ao desejo de ser o outro, nas palavras de Boaventura Santos,

Sabemos também que as identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão das diferenças e pela hierarquia das distinções. Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas, mas ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro, e simultaneamente, numa

situação de carência e por isso de insubordinação (SANTOS, 2013, p. 163).

Ao liberar seu canto, Kianda restaura o que foi soterrado pelo colonialismo e devolve a praça modificada pela modernização, a lagoa que outrora foi destruída para dar lugar as edificações e mudanças do mundo moderno, inserido na nova ordem econômica mundial, que sufocaram as tradições do povo angolano.

Um outro ponto também relevante em relação ao diálogo existente entre tradição e modernidade no romance diz respeito ao posicionamento contrário do pai de João Evangelista, Mateus Evangelista, ao casamento do seu filho com Carmina. Mateus Evangelista foi durante toda sua vida conservador de tradições referentes à religião que adotava. E Carmina tinha princípios opostos e estranhos a ele, era considerada uma mulher à frente do seu tempo e por isso não era bem vista pelas pessoas mais velhas, tinha um comportamento avesso aos costumes do povo angolano, ela era “mandona, resmungona e respondona” (PEPETELA, 2008, p. 07). Diante disso, era considerada uma afronta para a sociedade, uma vez que “já aos doze anos de idade mandava na mãe viúva e nos irmãos mais velhos e machos” (PEPETELA, 2008, p. 6). E, além disso, era alinhada a uma religião ateísta, algo que se opunha a perspectiva seguida pelo pai de João Evangelista, que vinham de uma tradição religiosa protestante.

Com isso, Carmina representa a perda dos valores éticos e morais, situados no contexto de pós-independência de Angola, período em que a corrupção e a aliança do jogo de poder estava se constituindo de forma avassaladora. Carmina beneficiava-se da sua influência e dos arranjos do jogo de poder, que lhe favorecia e custeava seus luxos e inclusive sua festa de casamento.

A diversidade de culturas na Luanda da modernidade em contraposição a Luanda pré-colonial, com suas tradições, provoca conflito. As regras do mundo moderno e o desejo de inserção em uma Nova Ordem Econômica Mundial ressignificam as tradições que construíram a história do povo angolano e uma tentativa de homogeneização, que desconsidera as diferenças, resulta na falta de reconhecimento das suas origens e de sua História, como podemos ver no diálogo de Carmina, com João Evangelista: “Só és Umbundu, por parte do teu pai. E nasceste em Luanda. Por parte da tua mãe és Kimbundu. Quer dizer, não és uma coisa nem outra. És angolano, tu és a unidade nacional” (PEPETELA, 2008, p. 52). Desencadeando conflitos e intolerância causados pela negação da pluralidade étnica que se formou a sociedade angolana.

O diálogo entre as identidades culturais se faz imprescindível para a aceitação das subjetividades, pois permite a convivência de grupos e o respeito entre as etnias, assim como podemos ver a preocupação do personagem de Joao Evangelista que sai em defesa, do povo Umbundu: “–Pois bem, se eu sou a unidade nacional, então tenho autoridade. E acho que não se deve perseguir ninguém, por nenhuma razão que seja e muito menos por serem de uma ou de outra etnia” (PEPETELA, 2008, p. 52).

Ao negar a diversidade cultural, na qual está inserida, Carmina reforça o sentimento nacionalista imposto pelo colonialismo, anulando as raízes históricas e as tradições que tornam “suave e doloroso” o canto de Kianda, provocado pela descaracterização cultural do domínio colonial. Ao refletir sobre a negação das subjetividades, que não correspondem sobre as hegemônicas na modernidade em construção, Boaventura de Souza Santos, ressalta a problemática que o domínio ideológico provoca ao anular as identidades culturais:

Este riquíssimo processo histórico de contextualização e recontextualização de identidades culturais é interrompido violentamente por um acto de linguagem política e religiosa que impõe uma ordem que, por se arrogar o monopólio, regulador das consciências e das práticas, dispensa a intervenção transformadora dos contextos, da negociação e do diálogo. Assim se instaura uma nova era de fanatismos, de racismo, e de centrismo (SANTOS, 2013, p. 167-168).

Sobre a construção de uma identidade nacional na Angola pós-independente, Carmina afirma: “devemos recuperar as palavras no sentido nacionalista” (PEPETELA, 2008, p. 31). Isso expressa a tentativa de apagar as origens do povo, diante da qual, *O Desejo de Kianda* (2008) se contrapõe e resiste a partir do seu canto, a fim de devolver aos poucos a geografia alterada pelo processo de colonização, rompendo com a espessura das águas, reconstruindo aos poucos a sua antiga paisagem. É por isso que “o cântico era cada vez mais forte e imperceptivelmente, cada vez menos dolorido, se transformando aos poucos em canto de combate” (PEPETELA, 2008, p. 81).

Portanto, o desejo de Kianda em restaurar o que foi modificado pelos colonizadores demonstra que, ao se tentar assumir uma identidade nacional, as raízes não estão enterradas, ao contrário, elas continuam vivas e resistindo nos genes do povo, mesmo embaixo dos escombros, construídos pelo poder colonial. Como afirma Stuart Hall,

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou

indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto; nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte nossa natureza essencial (HALL, 2006, p. 47).

Como já visto, no romance *O Desejo de Kianda* (2008), o tempo histórico está em constante diálogo com o tempo da narrativa tradicional, na tentativa de sempre retornar o passado, para não deixar perecer pelo fluxo da modernidade suas origens, que com sua ausência haja perda de identidades e fissuras nas colunas que sustentam a sociedade. A busca pelas origens, como caminho sólido, é presenciada no excerto abaixo, nas palavras do velho Mateus, pai de Joao Evangelista, que sempre demonstrou aversão à imagem de Carmina, já que em seu ponto de vista ela é “decidida em artes de mando” (PEPETELA, 2008, p. 07) e mergulhada em uma cultura pagã. Com base nisso, logo relacionou a cerimônia pagã do seu casamento com o desastre do prédio de sete andares, na praça do Kinaxixi.

O retorno ao passado evidencia, de um lado, a dificuldade em conseguir se adaptar “naturalmente” aos paradigmas do mundo moderno; de outro, as incongruências da busca desenfreada por essa adaptação, que não só volta às costas, mas, literalmente, soterra suas narrativas de tradição fundadoras. Ainda de acordo com Stuart Hall,

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente (HALL, 2006, p. 56).

O aterramento do lago onde Kianda habitava, alerta para a perda dos valores morais provocado pela ambição advinda pela modernização e os vícios causados pelo capitalismo, que busca olvidar as raízes, e impor hábitos e subjugar a cultura dos povos dominados. Isso porque, conforme expressa Stuart Hall, “a medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as

identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2006, p. 74).

Na narrativa, percebemos o desejo de Kianda como um aviso a respeito do desmoronamento simbólico das tradições. Apenas a personagem da menina Cassandra, que evoca a representação da pureza, é capaz de ouvir a mensagem de Kianda. Uma mensagem de libertação e de busca por retomada de valores. Talvez a dos valores éticos dos tempos de lutas libertárias, como também para a divulgação e preservação das raízes identitárias angolanas, outrora ameaçadas de apagamento pelo processo da colonização.

Posteriormente, o velho Kalumbo, assim como Cassandra, entende o significado do canto de Kianda, ela por representar a inocência e ele por representar o saber ancestral, contestando assim a lógica positivista, como forma de explicação e denúncia do aniquilamento das suas culturas, essência e origens.

Se tratava dum lamento de Kianda (...), que queixava de ter vivido durante séculos em perfeita felicidade na sua lagoa, até que os homens resolveram aterrar a lagoa e puseram cimento e terra e alcatrão por cima, construíram o largo e os edifícios todos à volta. Kianda se sentia abafar, com todo aquele peso em cima, não conseguia nadar, e finalmente se revoltou. E cantou, cantou, até que os prédios caíssem todos, um a um, devagarinho, era esse o desejo de Kianda. E foi isso que Cassandra contou a mais velho Kalumbo (PEPETELA, 2008, p. 108).

Diante disso, nota-se que “algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas” (HALL, 2006, p. 87). O personagem velho Kalumbo e Cassandra sinalizam, portanto, a abertura para o caminho de busca pela identidade que retém vínculos com as tradições do seu lugar de origem. E Kianda representa as tradições sufocadas no seio da modernização.

A memória torna-se um meio de reaproximar o passado soterrado pelo colonialismo com os acontecimentos do presente, acionada para lembrar dos valores esquecidos. Na proporção em que os prédios vão caindo e a entidade deseja a fuga para o mar, existe nessa ação das águas, mesmo infectadas da lagoa e permeada pelos deslumbres da modernidade, uma busca pela renovação, que se conclui com a convergência desta para o oceano.

Pela via do romance vamos nos deparar com os caminhos da memória, cujos mecanismos serão acionados para resgatar valores e sentidos enfumaçados pela ruptura entre dois universos, integrados por

elementos que já não podem ser completamente separados. O peso da memória traz a marca do tempo, que ali estará representado por um dos fatores constitutivos do gênero. Espaço de reinterpretação da terra, onde se entrecruzam passado e presente, a narrativa se abre para abordar a totalidade da vida reclamada pelo homem em sua historicidade (CHAVES, 1999, p. 22).

O memorialístico no romance *O Desejo de Kianda* (2008) contribui para a crítica social fortemente presente na narrativa em torno da relação presente e passado, tradição e modernidade. Permite ao autor uma liberdade, para denunciar, sem necessitar emitir conceitos, utilizando a literatura como mecanismo de recompor o caminho que foi rompido pelo processo de colonização.

Num mundo que a contaminação colonial povoou de colisões e desacertos, a literatura será uma das vias escolhidas para a formação de um mosaico capaz, ao menos, de sugerir alguma noção de unidade. Como um processo de auto-indagação, o seu exercício terá um caminho para a construção da identidade de uma nação que mal começa a ser imaginada (CHAVES, 1999, p. 21).

As identidades nacionais, construídas no processo de colonização, passam a ser recontextualizadas, mostrando-se cada vez menos homogêneas. Isso é perceptível no romance, quando o personagem Honório, amigo de João Evangelista, participa de um movimento cívico, livre de lideranças, como eram aqueles do tempo da dominação colonial, os “cozinhados no gabinete” e passou a criar as suas próprias histórias, “porque estamos a inventar as nossas próprias vias. Chega de copiar fórmulas estrangeiras, inventamos os nossos próprios métodos de luta” (PEPETELA, 2008, p. 114).

O desenrolar da narrativa, ao intercalar a perspectiva ancestral e moderna, aponta para a construção de identidades híbridas. A identidade se faz e se refaz na interação entre indivíduos e símbolos, negociando sua sobrevivência a partir do hibridismo cultural, vai permitindo a convivência da cultura angolana e da modernidade, “a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais, que emergem em momentos de transformações históricas” (BHABHA, 1998, p. 21).

A colonização deixou marcas profundas que não cessaram no pós-independência, ao final da descolonização da África, boa parte dos países entram em guerra civil, ocasionada por diferentes ideologias, como o Capitalismo e Socialismo que visam impor seu poder, aproveitando-se da fragilidade desses países, e também devido aos conflitos

étnicos gerados pela disputa de grupos culturais antagônicos, que no processo de colonização foram aglomerados em uma só dominação.

Além das marcas físicas do processo colonizador, os hábitos e costumes continuam a fazer parte do cotidiano e nas relações estabelecidas, nesse processo de hibridismo cultural. Podemos verificar isso na situação em que Carmina, que imita as senhoras coloniais, modificando o nome da sua empregada doméstica. Conforme é expresso no romance, “foram as senhoras coloniais que mudavam os nomes das empregadas para Maria ou Joana, vem mesmo na literatura. E a sua mulher tinha aprendido com as colonas e usava depois da independência o mesmo sistema” (PEPETELA, 2008, p. 64). Nesse sentido, como bem observa Rita Chaves, “o processo colonizatório, não se extingue com a assinatura de tratados de independência, uma vez que a ação colonial se desdobra e deixa seu legado nos modos de pensar, agir, viver e sobreviver” (CHAVES, 1999, p. 50), deixando costumes que não se apagam e insistem em reproduzir a cultura dominante.

A literatura angolana, portanto, tem um papel fundamental na sociedade como um todo. O romance *O Desejo de Kianda* (2008), de Pepetela, faz uma crítica social pertinente em relação à sociedade angolana pós-colonial, cuja relação fronteiriça transposta entre história e ficção, tradição e modernidade nos fornece subsídios para entender a configuração social na conjuntura abordada. As especificidades do contexto pós-colonial no romance revelam a experiência histórica da qual os diferentes sujeitos faziam parte.

REFERÊNCIAS:

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CHAVES, Rita de Cássia Natal. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 1999.
- CHINWEIZU. *A África e os países capitalistas*. In.: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 927-963.
- DUARTE, Zuleide; MARTINS, Izabel Cristina Oliveira Martins. No Largo do Kinaxixi, o território é sagrado. *Revista Prâxis*, Novo Hamburgo, a. 15, n. 2, jul./dez, 2018.
- FERREIRA, Tailze Melo. História e Ficção em *O Desejo de Kianda*, de Pepetela: Uma Abordagem Intertextual. *Cad. CESPUC de Pesq.*, Belo Horizonte, n. 11, set., 2003. p. 179-188.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Lisboa: Edições Colibri, 2013.
- PEPETELA. *O Desejo de Kianda*. Portugal: Dom Quixote, 2008.
- RETO, Luciene de Castro. A literatura fantástica como ferramenta de crítica social na obra *O Desejo de Kianda*, de Pepetela. *Revista Philologus*, ano 20, n.º 58, Supl.: Anais do VI SINEFIL, Rio de Janeiro: CiFEFIL, jan./abr., 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Modernidade, identidade e cultura de fronteira*. In. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 9ª ed., Revista e Aumentada: Almedina, 2013, p. 162-191.
- SCHMIDT, Simone Pereira. Onde está o sujeito pós-colonial? (Algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana). *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v. 2, n.º 2, abr., 2009.
- SURET-CANALE, Jean; BOABEN, A. Adu. *A África Ocidental*. In.: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 191-227.
- TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. *O Desejo de Kianda, de Pepetela: da emersão do mito aos desejos do povo*. *Liberartes*, n. 9, 2018.
- VIEIRA, Francisco Sandro da S.. *Origens do nacionalismo angolano, movimentos independentistas e disputa por hegemonia*. *Revista de Humanidades e Letras*, v. 4, n. 1, 2018.

Data de recebimento: 18/03/2021
Data de aprovação: 10/07/2021